

Esse artigo trata da análise da produção da habitação de interesse social implementada pelo BNH (Banco Nacional de Habitação) no Brasil, na busca de subsídios para retomar a produção da habitação social. Objetiva compreender de que maneira a configuração do conjunto habitacional afeta a interação social entre os moradores do próprio conjunto e a interação do conjunto com o entorno imediato e a cidade. Os procedimentos metodológicos adotados incluem levantamentos de arquivo, levantamentos físicos, observações de manifestações comportamentais, mapas mentais com entrevistas e questionários. Adota-se uma abordagem perceptiva que utiliza a satisfação do usuário e o comportamento ambiental como indicadores de desempenho e de interação social. Os resultados confirmam que a configuração de conjuntos habitacionais está relacionada com outras características de implantação, tais como a dimensão e a localização, e afeta a interação social entre os moradores. Também confirmam que as características físicoespaciais dos espaços públicos abertos, assim como as características socioeconômicas dos moradores podem afetar a interação social. Dessa forma, é ressaltada a importância de avaliar os efeitos da configuração de conjuntos habitacionais para que se produzam espaços mais qualificados que promovam e facilitem a interação social entre os moradores do conjunto e entorno, promovendo o sentimento de pertencimento e cidadania.

The configuration of housing schemes and its effects on social interaction.

This article deals with the analysis of the production of social housing implemented by the BNH (National Housing Bank) in Brazil, in order to subsidize the future production of social housing. It aims at understanding how the configuration of housing schemes can affect social interaction among dwellers as well as interaction between the housing scheme and its urban context. Methodological proceedings included archives information, physical measurements, observation of behaviour, mental maps with interviews and questionnaires. Following the perceptive approach adopted, user satisfaction and environmental behaviour are employed as indicators of environmental performance and social interaction. Results confirm that the configuration of housing schemes is related with others layout characteristics, for example size and location, and influence the social interaction between residents and its urban context. The results further confirmed that physical characteristics of public open spaces as well as socioeconomic characteristics can affect social interaction. Therefore, it is emphasized the importance of assessing the effects of configuration of housing schemes in order to produce more qualified residential spaces that promote and facilitate social interaction, promoting a sense of belonging and citizenship.



Autor

Mg. Arq. Márcia Azevedo de Lima

Dr. Arq. María Cristina Dias Lay

PROPUR, Faculdade de Arquitetura,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Palabras clave

Habitação social

Interação social

Implantação de conjuntos habitacionais

Configuração de conjuntos habitacionais

Desempenho de conjuntos habitacionais.

Key words

Social housing

Social interaction

Layout of housing schemes

Configuration of housing schemes

Performance of housing schemes

INTRODUCCIÓN.

Estudios mostram que a característica predominante da política habitacional produzida de 1964 a 1986, período em que foi implementada a política habitacional gerenciada pelo BNH, era a busca da eficácia quantitativa, voltada para a produção em série e em grande escala, na tentativa de solucionar o déficit habitacional, acima do interesse em atender as necessidades dos usuários (Valladares, 1978; Lay e Reis, 2005; Bonduki, 2004, entre outros). Como consequência, os projetos dos conjuntos habitacionais construídos durante esse período apresentam diversos problemas que afetam o desempenho desses conjuntos, dentre os quais os efeitos negativos na organização física da cidade e na sustentação de contatos humanos, considerados por Alexander (1965) como mecanismos essenciais de funcionamento da cidade. Por exemplo, foi constatado por diversos autores (Carvalho, 1985; Lay, 1992; Rigatti, 1997; Bonduki, 2004, entre outros) que o principal atributo que diferencia a habitação social, além das características arquitetônicas, é a falta de relação com o contexto urbano, pois as ruas projetadas para servir o conjunto não se integram com a rede urbana existente, somado à carência de atrativos para motivar os residentes do entorno a utilizarem o conjunto e reconhecê-lo como parte integrante bairro.

Neste estudo, parte-se da premissa de que a qualidade essencial das cidades está em cumprir a vocação de lugar de encontros e lugar das trocas sociais (por exemplo, Magalhães, 2007; Netto, 2006) e a interação social é considerada um indicador fundamental de desempenho de conjuntos habitacionais. Autores (por exemplo, Carr et al., 1992; Lay, 1998; Basso, 2001; Gambim, 2007) destacam a importância dos espaços públicos abertos em áreas residenciais enquanto possibilitadores da interação social e indicam que os espaços abertos, em função da maneira como são configurados e de acordo com os elementos físicos presentes, podem promover o encontro e a permanência de indivíduos e, desta forma, influenciar o contato entre as pessoas, favorecendo ou desencorajando a interação.

Parte-se, também, do pressuposto de que certas estruturas urbanas podem estimular ou desestimular a ocorrência de interação social mais intensa, ou seja, condições que podem ou não gerar urbanidade. Assim, a partir da literatura, é possível listar algumas dessas condições:

- a) densidade populacional, sendo que densidades maiores são associadas a maior número de interações (por exemplo, Gambim, 2007);
- b) interface entre espaços públicos e privados que gere maior permeabilidade entre espaços públicos e privados, favorecendo maior movimentação de pessoas e interação entre elas (HOLANDA, 2002), além de auxiliar na percepção de segurança (JACOBS, 2000);
- c) diversidade urbana, com variedade de usos, de atividades, de formas construídas, de classes sociais e estilos de vida distintos, coexistindo no mesmo espaço;
- d) vitalidade que possibilite uma concentração mínima de pessoas interagindo nos espaços urbanos (JACOBS, 2000), estimulando circulação das pessoas pelos espaços públicos e os contatos entre elas;
- e) distâncias intraurbanas que aumentem as oportunidades de contatos. Entretanto, estruturas urbanas que não apresentam essas condições podem dificultar ou desestimular a interação social entre os moradores e gerar segregação, que surge como consequência negativa da falta de interação social.

De fato, o processo de diferenciação social e espacial que caracteriza a urbanização das cidades brasileiras é marcado pela forte segregação e segmentação do espaço urbano em função dos grupos sociais (Maricato, 2001). Segundo Villaça (2001), a segregação deriva também de uma luta ou disputa por localizações, ou seja, da conveniente implantação dentro da cidade. É um processo em que diferentes classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões ou bairros, gerando uma concentração significativa de camadas de baixa renda em grandes regiões, ou seja, um isolamento espacial dos grupos sociais em áreas relativamente homogêneas internamente. Por sua vez, Marques (2007) argumenta que a segregação no espaço diz respeito à separação constituída pelos padrões de localização dos grupos sociais no território da cidade. No entanto, o autor ressalta que a segregação significa, além da separação social, desigualdade de acesso, que pode restringir a circulação ou dificultar o estabelecimento de contato freqüente entre grupos. Nesse sentido, segundo Villaça (2001), o espaço urbano é intrinsecamente desigual, pela disponibilidade de equipamentos, infraestrutura e qualidade das edificações, assim como pela desigualdade fruto das diferenças de acessibilidade a todos os pontos do espaço urbano.

Portanto, essa questão parece estar diretamente ligada às características de implantação de conjuntos habitacionais, uma vez que a segregação pode estar relacionada à distância geométrica (localização) ou à distância topológica (configuração). O isolamento geográfico e a distância levam a um acesso mais difícil às oportunidades produzidas na cidade, mas, segundo Marques (2007), os padrões de contigüidade no espaço não determinam os padrões de conexão entre indivíduos e grupos sociais. Em outros termos, Gambim (2007) argumenta que a boa localização pode não ser suficiente para a integração dos moradores com o entorno.

Apesar de não terem sido realizados estudos conclusivos sobre a influência das características de implantação dos conjuntos no seu desempenho, o Ministério das Cidades passou a recomendar a implantação de conjuntos habitacionais menores e inseridos na malha urbana existente que, segundo Damásio (2006), tenderiam a afetar a apropriação do conjunto pelos moradores, o sentimento de pertencimento e, também, a aceitação do conjunto pelo bairro/cidade, fazendo eles se sentirem reconhecidos como parte integrante da cidade. Este trabalho busca compreender de que maneira a configuração de conjuntos habitacionais afeta a interação social entre os moradores do próprio conjunto e a interação do conjunto com o entorno imediato e com a cidade. É adotada uma abordagem perceptiva que utiliza a satisfação do usuário e o comportamento ambiental como indicadores de desempenho do conjunto e de interação social.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos deste trabalho, foram analisadas as relações existentes entre conjuntos habitacionais de diferentes configurações, bem como diferentes dimensões e localizações na cidade com a interação social entre os moradores do próprio conjunto e a interação do conjunto com o entorno imediato e a cidade. O estudo de caso consiste de quatro conjuntos habitacionais produzidos pela COHAB – Companhia de Habitação do Estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Montenegro, caracterizados por unidades habitacionais unifamiliares. Os conjuntos possuem diferentes configurações e níveis de integração na malha urbana, medidos através do mapa axial de integração local e global (Figuras 2 e 3) e da análise da conexão das vias do conjunto com o entorno imediato. Os conjuntos são de pequeno porte (até 50 unidades habitacionais), de porte médio (de 51 a 200 unidades habitacionais) ou de grande porte (mais de 201 unidades) e possuem diferentes localizações em relação à área urbana consolidada da cidade (Tabela 1).

Além disso, foram analisadas as características físico-espaciais dos espaços públicos abertos (ruas, calçadas, praças e áreas verdes), as relações com as edificações do entorno, a qualidade da infraestrutura, serviços, comércio e lazer existentes, as características morfológicas do conjunto e entorno e as características socioeconômicas dos moradores, mais comumente mencionados na literatura como fatores que podem promover ou inibir a interação social.

Foram utilizados múltiplos métodos, qualitativos e quantitativos, que possibilitaram ressaltar a validade dos resultados e afirmar a confiabilidade, credibilidade e qualidade da pesquisa (Lay e Reis, 2005a). Foram realizados levantamento de arquivo (para verificação dos dados existentes e evolução da área); levantamento físico (para atualização do projeto original, incluindo usos das edificações, vegetação, mobiliário e equipamentos urbanos existentes no conjunto habitacional e no entorno); levantamento fotográfico; aplicação de mapas mentais com entrevistas aos moradores dos conjuntos e respectivos entornos em uma amostra de 72 entrevistas nas áreas de estudo investigadas (para verificação do território percebido e percepção de pertencimento no conjunto, no bairro ou na cidade); observações sistemáticas de uso dos espaços abertos registradas em 112 mapas comportamentais (para verificação do nível de interação social entre os moradores e com o entorno); e aplicação de 210 questionários (para medir o grau de interação social e atitudes dos moradores). A análise estatística dos dados quantitativos foi realizada através do programa estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). Através da verificação das frequências e realização de testes não-paramétricos, como Kruskal-Wallis e Spearman, foi possível inferir relações e correlações entre variáveis. Também foram utilizados mapa figura-fundo, mapa de barreiras com indicação das constituições (conexões funcionais) e análise sintática para medir os níveis de integração (acessibilidade topológica).

TABELA Nº1 | Síntese das características dos conjuntos selecionados.

Conjunto Habitacional	Configuração integração na malha	Dimensão Nº de unidades residenciais	Localização distância em relação à cidade
Cinco De Maio	não é integrado ao entorno – cidade	porte médio – 172 unidades	próximo do centro da cidade antiga
Vila Popular	integrado ao entorno – cidade	porte médio – 107 unidades	próximo dos centros da cidade antiga e da nova
Vila São Pedro	integrado ao entorno – cidade	porte pequeno – 20 unidades	próximo do centro da cidade nova
Germano Henck	não é integrado ao entorno – cidade	grande porte – 366 unidades	longe dos centros da cidade antiga e da nova



Figura 1 | Área urbana da cidade de Montenegro, com indicação da localização dos quatro conjuntos habitacionais e dos principais pontos de referência. Fonte: Google Earth, data da imagem 2009.

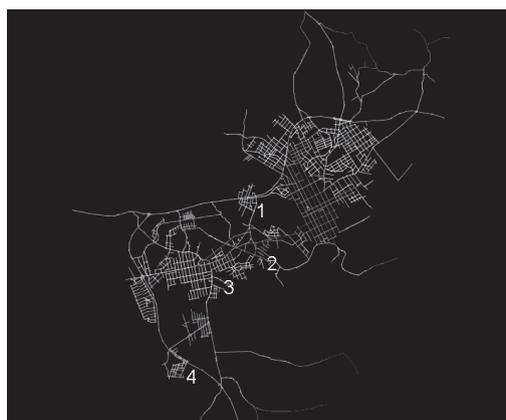


Figura 2 | Mapa axial de Montenegro, Integração Global, Programa Mindwalk. Fonte: Lima, 2011.



Figura 3 | Mapa axial de Montenegro, Integração Local R3, Programa Mindwalk. Fonte: Lima, 2011.

Nota: 1=Conjunto Cinco de Maio; 2=Conjunto Vila Popular; 3=Conjunto Vila São Pedro; 4=Conjunto Germano Henck. As linhas mais integradas apresentam cores mais quentes (vermelho e amarelo), enquanto que as linhas mais segregadas apresentam cores mais frias (verde e azul). Os mapas representam o ponto de vista do pedestre.

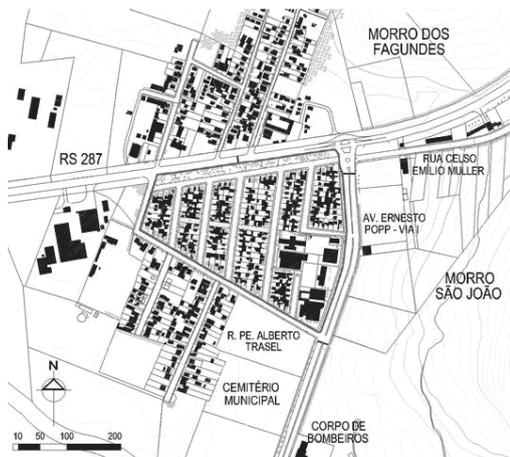


Figura 4 | Mapa do Conjunto Cinco de Maio e entorno, conforme levantamento. Fonte: Lima, 2011.

Nota: A linha vermelha indica os limites dos conjuntos habitacionais.

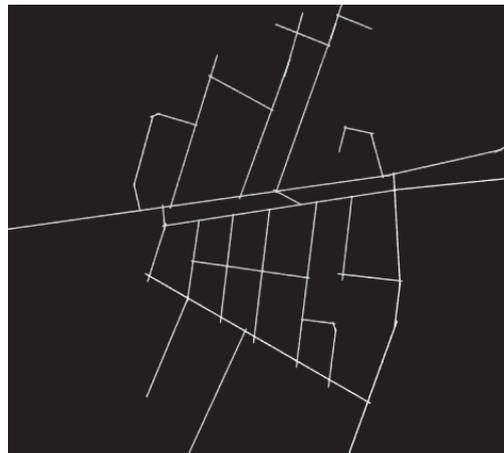


Figura 5 | Mapa axial do Conjunto Cinco de Maio e entorno, Integração Global, recortado da Figura 1. Fonte: Lima, 2011.



Figura 6 | Área verde. Fonte: Lima, 2011. — **Figura 7** | Passagem de pedestres. Fonte: Lima, 2011. — **Figura 8** | Associação comunitária. Fonte: Lima, 2011.

1. Breve caracterização dos conjuntos habitacionais

O Conjunto Habitacional Cinco de Maio é representativo de conjunto habitacional não integrado com o entorno/ cidade, além de ser de porte médio e estar localizado próximo do centro da cidade (Figuras 4 e 5). Foi implantado em 1979, com 172 unidades habitacionais unifamiliares, numa área de 7,80 hectares.

O conjunto possui duas creches, uma escola, uma associação comunitária e um ginásio de esportes, além da unidade comercial projetada. Foi criada uma área verde que, apesar de apresentar declividade acentuada e falta de equipamento/ mobiliário, é utilizada pelos moradores para atividades de convívio social. O conjunto possui uma passagem para pedestres projetada como espaço de convívio social que se encontra abandonada. No en-

torno, não existem equipamentos comunitários ou praças. Existem poucos estabelecimentos de comércio/ serviço no conjunto e entorno. As calçadas do conjunto são claramente delimitadas e possuem 2,50 m de largura, mas a arborização e equipamentos existentes dificultam o uso para atividades de socialização e, em alguns trechos, a circulação. As calçadas do entorno, quando delimitadas, são estreitas (em torno de 1,20 m) e menos adequadas ao uso e circulação. As figuras abaixo ilustram algumas características dos espaços públicos do conjunto (Figuras 6, 7 e 8).

O Conjunto Habitacional Vila Popular foi implantado em 1968, com 107 unidades habitacionais, numa área de, aproximadamente, 4,20 hectares. Conforme os critérios de seleção adotados, esse conjunto é integrado ao

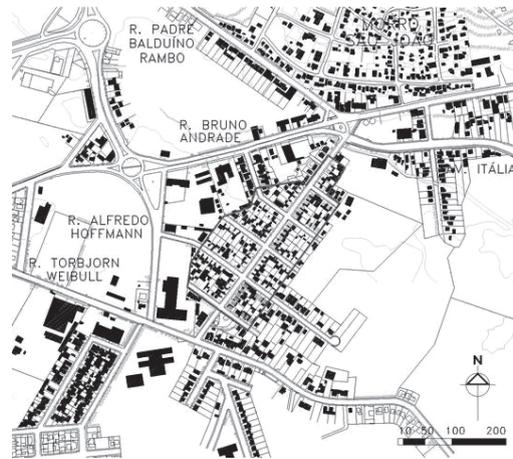


Figura 9 | Mapa do Conjunto Vila Popular e entorno, conforme levantamento. Fonte: Lima, 2011.



Figura 10 | Mapa axial do Conjunto Vila Popular e entorno, Integração Global, recortado da Figura 1. Fonte: Lima, 2011.

Nota: A linha vermelha indica os limites dos conjuntos habitacionais.

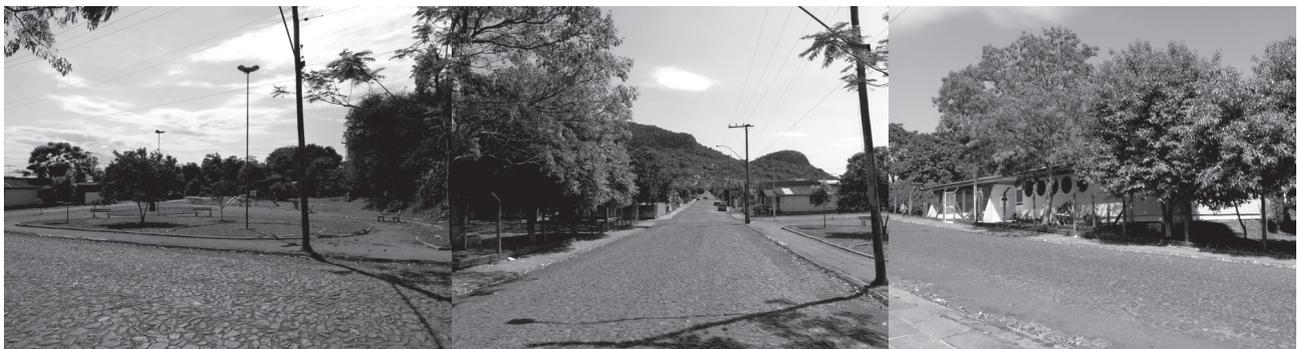


Figura 11 | Praça. Fonte: Lima, 2011. — **Figura 12** | rua Antônio Lisboa. Fonte: Lima, 2011. — **Figura 13** | Assoc. comunitária. Fonte: Lima, 2011.

entorno, por possuir uma via central com valor de integração elevado em relação ao sistema e que serve de ligação entre bairros, além de ser de porte médio e estar localizado próximo dos centros da cidade antiga e da cidade nova (Figuras 9 e 10).

O conjunto possui uma praça e uma associação comunitária. No entorno, existem duas escolas, uma creche, um templo religioso e um espaço recreativo da Indústria Tanac com um estádio/campo de futebol que é utilizado pela comunidade para atividades esportivas. Existem poucos estabelecimentos de comércio/serviço no conjunto e entorno. As calçadas do conjunto são claramente delimitadas e estreitas (de 1,50 m a 2,00 m) e a arborização e equipamentos existentes dificultam o uso para atividades de socialização e a circulação. No en-

torno, quando delimitadas, as calçadas possuem em torno de 2,50 m de largura. As figuras abaixo ilustram algumas características dos espaços públicos do conjunto (Figuras 11, 12 e 13).

O Conjunto Habitacional Vila São Pedro foi implantado em 1970, com 20 unidades habitacionais, inserido no loteamento Vila São Pedro. Conforme os critérios de seleção adotados, esse conjunto é integrado ao entorno por estar dentro de loteamento e malha urbana existente, além de ser de porte pequeno e estar localizado junto ao centro da cidade nova (Figuras 14 e 15).



Figura 14 | Mapa do Conjunto Vila São Pedro e entorno, conforme levantamento. Fonte: Lima, 2011.

Nota: A linha vermelha indica os limites dos conjuntos habitacionais.



Figura 15 | Mapa axial do Conjunto Vila São Pedro e entorno, Integração Global, recortado da Figura 1. Fonte: Lima, 2011.



Figura 16 | Área verde. Fonte: Lima, 2011. — **Figura 17** | Área verde. Fonte: Lima, 2011. — **Figura 18** | Escola. Fonte: Lima, 2011.

Este conjunto possui uma área verde e uma escola. No entorno, existem 4 templos religiosos e um pavilhão paroquial, onde são realizadas atividades em grupo e encontros da associação comunitária. Existem muitos estabelecimentos de comércio/ serviço, pois essa área se tornou um novo centro de comércio e serviços da cidade, o centro da cidade nova (lado oeste do Morro São João). O comércio existente se localiza ao longo de uma rua periférica ao loteamento e atende os moradores do loteamento e, também, os moradores do entorno e da cidade. As calçadas do loteamento e entorno são delimitadas, mas estreitas (em torno de 2,00 m) e a arborização e equipamentos existentes dificultam o uso para atividades de socialização e circulação. As figuras abaixo ilustram algumas características dos espaços públicos do conjunto Vila São Pedro (Figuras 16, 17 e 18). O Conjunto Habitacional Germano Henck é representa-

tivo de conjunto habitacional não integrado ao entorno, além de ser de grande porte e estar localizado distante do centro da cidade antiga e do centro da cidade nova (Figuras 19 e 20). Foi implantado em 1984, com 366 unidades habitacionais, numa área de aproximadamente 11,80 hectares.

O conjunto possui uma área verde (Figura 21), uma escola, uma creche, dois templos religiosos, além de uma associação comunitária e uma igreja que estão em construção. No entorno, existe um posto de saúde e dois templos religiosos. Existem poucos estabelecimentos de comércio/ serviço no conjunto, localizados nas ruas mais integradas, mas servem exclusivamente aos moradores. No entorno, não existem estabelecimentos de comércio/ serviço. As calçadas do conjunto são delimitadas, mas estreitas (entre 1,25m e 2,00m) e apresentam barreiras similares aos outros conjuntos, com arborização e

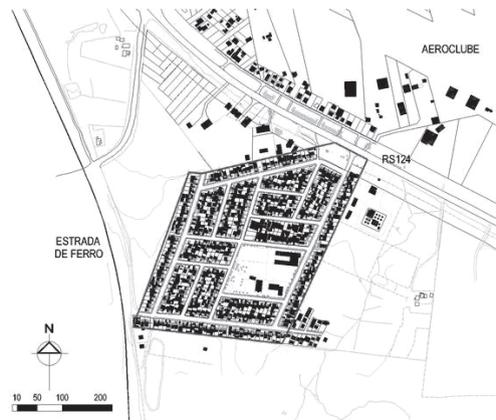


Figura 19 | Mapa do Conjunto Germano Henck e entorno, conforme levantamento. Fonte: Lima, 2011.

Nota: A linha vermelha indica os limites dos conjuntos habitacionais.



Figura 20 | Mapa axial do Conjunto Germano Henck e entorno, Integração Global, recortado da Figura 1. Fonte: Lima, 2011.



Figura 21 | Área verde. Fonte: Lima, 2011. — **Figura 22** | Ruas e calçadas. Fonte: Lima, 2011. — **Figura 23** | Acesso ao conjunto. Fonte: Lima, 2011.

equipamentos que dificultam o uso para atividades de socialização e circulação (Figuras 22). As calçadas do entorno não são delimitadas (Figura 23).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi investigado se a integração do conjunto habitacional na malha urbana existente, decorrente de sua configuração, independente da dimensão ou da localização do conjunto na cidade, contribui para que os moradores se integrem ao bairro/ cidade e sejam reconhecidos como pertencentes à cidade e, assim, de que maneira afeta a interação social entre os moradores do próprio conjunto e a interação do conjunto com o entorno imediato e com a cidade.

Quando analisados os conjuntos integrados, foi verificado que esses conjuntos possuem características de

configuração distintas, pois o conjunto Vila São Pedro (pequeno porte) é integrado ao entorno por estar dentro de loteamento e malha urbana existente e o conjunto Vila Popular (porte médio) é integrado ao entorno por possuir uma via central com valor de integração elevado em relação ao sistema, servindo de ligação entre bairros. Entretanto, verificou-se, no mapa figura-fundo e no mapa axial (Figuras 10 e 15), que o conjunto Vila São Pedro apresenta continuidade do tecido urbano e o conjunto Vila Popular não, indicando maior homogeneidade na área do conjunto Vila São Pedro, que, de acordo com a literatura, contribui para um maior sentido de comunidade e influencia as relações sociais (Proshansky, Ittelson & Rivlin, 1970 in Gans, 1976). Foi constatado que existem diferenças na percepção de integração do conjunto no entorno e que o conjunto Vila São Pedro (integrado de pequeno porte) está inseri-

do nos limites percebidos do bairro pelos moradores do conjunto e do entorno e as variações nas percepções referem-se às vias estruturais que servem de barreiras físicas (ver Lynch, 1980). A continuidade das vias do conjunto no entorno influencia a percepção de integração, confirmando estudo de Magalhães (2007) que sustenta que na articulação entre tecidos urbanos, a relação entre sistemas viários é a mais imediata. Já no conjunto Vila Popular (integrado de médio porte), a percepção de limite do bairro dos moradores é bem mais restrita e inclui apenas o conjunto, possivelmente por ser uma ocupação concentrada, voltada para sua rua principal e com poucas conexões na malha urbana existente, que, conforme Lynch (1980), seria uma ocupação «introvertida». Além disso, as vias que limitam o conjunto são vias com alta acessibilidade topológica e, portanto, com grande fluxo de veículos, contribuindo para a definição dos limites físicos do local onde moram, ou seja, a percepção de limite também está relacionada com as vias estruturais que geram uma barreira física. Portanto, a existência no conjunto de uma via com valor de integração (acessibilidade topológica) elevado em relação ao sistema (toda a cidade) não influencia necessariamente a percepção de integração (no sentido de reconhecimento como parte integrante da cidade), apenas indica boa acessibilidade e potencial proximidade aos serviços utilizados no dia a dia (ver Hillier e Hanson, 1984; Rigatti, 1997; Holanda, 2002). Os moradores dos conjuntos não integrados (Cinco de Maio e Germano Henck) também percebem os limites do território mais restritos (apenas o conjunto), o que parece estar relacionado com as características de configuração desses conjuntos e seus respectivos entornos, uma vez que são segregados e apresentam poucas conexões com o entorno.

No conjunto Vila São Pedro (integrado de pequeno porte), as observações comportamentais confirmaram que a área verde é intensamente utilizada pelos moradores, apesar de possuir poucos equipamentos e mobiliário urbano. Também ficou evidenciado que a proximidade do conjunto ao centro da cidade nova, com grande fluxo de pedestres e veículos, contribuiu para um padrão mais urbano de copresença e possibilidade de interação (ver Holanda, 2002). Nesse sentido, Netto, Paschoalino e Pinheiro (2010) argumentam que a característica principal de espaços acessíveis é justamente permitir a

complementariedade das rotinas, baseadas em distâncias curtas e rapidamente percorridas, aumentando, naturalmente, a probabilidade de encontro. Isto é, espaços com boa acessibilidade possuiriam forte potencial de convergência de grupos sociais diferentes e de articular a vida privada e a vida coletiva. Já no conjunto Vila Popular (integrado de médio porte), as observações comportamentais salientam a importância da via principal no sistema, pelo intenso fluxo de veículos e pedestres de distintos bairros, confirmando as pesquisas que demonstram que o grau de integração (acessibilidade topológica) de um espaço está fortemente correlacionado com o número de pessoas que se movem nele. Conforme argumenta Figueiredo (2010), a urbanidade acontece quando o ambiente construído e suas estruturas auxiliares permitem ou potencializam encontros e a copresença entre pessoas de classes e estilos de vida distintos, dentro de um sistema probabilístico no qual essas pessoas, em suas rotinas, tendem a usar ou passar pelos mesmos lugares. No entanto, segundo Peponis (1992), a configuração espacial determina apenas o notar potencial de outros, como o pano de fundo para uma sociedade ativa, mas não comprova que as pessoas interagem, partilham ou trocam experiências entre si, ou mesmo, se notam mutuamente. Também ficou confirmado que os espaços abertos deste conjunto não atendem os requisitos necessários, apontados na literatura (por exemplo, Whyte, 1988; Jacobs, 2000; Basso, 2001), para desempenhar atividades de convívio social, por exemplo, devido ao estreitamento e irregularidade das calçadas e à falta de vegetação e sombreamento na praça, dificultando a permanência no local, diminuindo as oportunidades de contato e influenciando negativamente o nível de interação entre os moradores. Nesse sentido, também confirmando a literatura (por exemplo, Kim & Kaplan, 2004; Gambim, 2007) que ressalta que a interação social na vizinhança está relacionada às oportunidades de contato social formal e informal pelas quais moradores podem desempenhar com qualidade os seus relacionamentos. Acrescenta-se que nos conjuntos não integrados com o entorno (Cinco de Maio e Germano Henck) é possível constatar que o fluxo de pedestres é basicamente dos próprios moradores e, assim, não há interação dos moradores do conjunto com os moradores do entorno. Os resultados dos questionários indicam que morado-

TABELA N°2 | Relacionamento de vizinhança.

		Relacionamento no local	Relacionamento no bairro	Clima no local	Clima no bairro
Cinco de Maio	Conjunto	60,62	52,83	60,97	50,93
	Entorno	37,75	38,23	37,46	33,31
Vila Popular	Conjunto	59,77	62,75	57,52	62,10
	Entorno	41,52	39,56	45,85	44,52
Vila São Pedro	Conjunto	70,78	69,63	69,90	65,95
	Entorno	57,45	54,82	56,63	57,55
Germano Henck	Conjunto	55,83	60,00	57,69	63,75
	Entorno	37,41	48,05	30,91	40,27

Nota: os números representam a média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico não-paramétrico Kruskal-Wallis. Foram utilizados 2 grupos (conjunto e entorno) para o teste Kruskal-Wallis. Clima no local= percepção do tipo de relação entre os vizinhos no local onde moram; Clima no bairro= percepção do tipo de relação entre os vizinhos no bairro.

res de conjuntos integrados estão mais satisfeitos com o local onde moram e com o bairro do que moradores de conjuntos não integrados e seus respectivos entornos. Os moradores do conjunto Vila São Pedro (integrado de pequeno porte) são os mais satisfeitos com o local onde moram e com o bairro; já os moradores do conjunto Vila Popular (integrado de porte médio) estão menos satisfeitos do que estes, mas apresentam avaliação melhor do que os demais conjuntos não integrados e seus respectivos entornos. Os moradores do conjunto Vila São Pedro apresentaram melhor avaliação do que os moradores de conjuntos maiores e menos integrados quanto ao relacionamento com os vizinhos do local onde moram e com os vizinhos do bairro (ver Tabela 2). O conjunto Vila Popular aparece em terceiro lugar na avaliação da intensidade de relacionamento com os vizinhos do local onde mora, sendo superior apenas às avaliações dos moradores do entorno. Provavelmente devido ao fato de que a maximização da integração aumenta o controle do estranho ao lugar, em detrimento do controle do habitante, ou seja, a via central de elevado valor de integração (acessibilidade topológica) intensifica o fluxo do estranho e diminui o controle do morador e, portanto, pode interferir na interação entre os moradores. Segundo Castello (2008), ruas com grande fluxo de veículos, quando cortam áreas residenciais, ao estimular um tráfego de passagem, comprometem a tranquilidade no interior da comunidade residencial e, conseqüentemente, a interação entre os moradores. No entanto, cabe ressaltar que a presença maior de estranhos não necessariamente impede a relação entre vizinhos, considerando que outros aspectos podem estar relacionados. Assim, a baixa avaliação na intensidade de relacionamento com os vizinhos do local onde moram, bem como a percepção do tipo de relação existen-

te entre os vizinhos (caráter da vizinhança), também pode estar relacionada a outros aspectos, tais como a falta de locais adequados para atividades de lazer e convívio social, ou seja, de um equipamento comunitário agregador que cumpra o papel de induzir as pessoas ao convívio e interação social.

Quanto ao relacionamento com os vizinhos do bairro, os moradores do conjunto Vila Popular (integrado de porte médio) apresentam melhor avaliação do que os moradores dos demais conjuntos menos integrados e seus respectivos entornos, mas com avaliação inferior ao conjunto Vila São Pedro (integrado de pequeno porte). Cabe ressaltar que um percentual expressivo de respondentes deste conjunto considera como bairro apenas a área do conjunto. Os moradores do conjunto Vila São Pedro apresentaram melhor percepção do tipo de relação (caráter da vizinhança) entre os vizinhos no local onde moram e no bairro e o conjunto Vila Popular apresenta uma das piores avaliações, apenas melhor em relação aos entornos. Os moradores dos dois conjuntos integrados e seus entornos estão entre os que definem bom vizinho aquele que ajuda quando precisam, indicando uma maior solidariedade e expectativa de manter boas relações com vizinhos (Tabela 3). Ainda, nos dois conjuntos integrados, os moradores indicaram a existência de mais amigos no local onde moram, no entanto, também indicaram um percentual elevado de amigos fora do bairro, demonstrando a interação não somente com os moradores do conjunto, mas também entre o conjunto, o entorno imediato e a cidade (ver Tabela 4). Por outro lado, nos dois conjuntos não integrados estudados, pode-se perceber o percentual mais elevado de amigos no local onde moram, demonstrando a interação mais limitada com o entorno imediato.

Os resultados obtidos sugerem que a integração do con-

TABELA Nº3 | Definição de bom vizinho.

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
ajuda qdo precisa	66,7 %	25,0 %	46,7 %	41,7 %	60,0 %	54,8 %	40,0 %	45,5 %
contato próximo	0,0 %	0,0 %	3,3 %	8,3 %	5,0 %	9,7 %	0,0 %	0,0 %
s/ contato próximo	0,0 %	0,0 %	0,0 %	0,0 %	0,0 %	0,0 %	0,0 %	0,0 %
não incomoda	33,3 %	75,0 %	50,0 %	50,0 %	35,0 %	35,5 %	60,0 %	54,5 %
outro	0,0 %	0,0 %	0,0 %	0,0 %	0,0 %	0,0 %	0,0 %	0,0 %

TABELA Nº4 | Intensidade de relacionamento de amizades entre os moradores.

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
+amigos no local	63,3 %	29,2 %	50,0 %	54,2 %	40,0 %	48,4 %	67,5 %	45,5 %
+amigos no bairro	0,0 %	8,3 %	3,3 %	0,0 %	5,0 %	9,7 %	2,5 %	0,0 %
+amigos fora do bairro	36,7 %	33,3 %	36,7 %	33,3 %	35,0 %	25,8 %	20,0 %	27,3 %
não possui amigos	0,0 %	0,0 %	0,0 %	0,0 %	0,0 %	0,0 %	0,0 %	0,0 %
igual	0,0 %	29,2 %	10,0 %	12,5 %	20,0 %	16,1 %	10,0 %	27,3 %

Nota: igual= amigos no local, no bairro e fora do bairro.

junto na malha urbana existente, decorrente de sua configuração, independente da dimensão ou da localização do conjunto na cidade, contribui para que os moradores se integrem ao bairro/ cidade e sejam reconhecidos como pertencentes à cidade. Também contribui com a satisfação com o local onde moram e com o bairro e com a interação entre os moradores do conjunto com os moradores do entorno. No entanto, constata-se que a percepção de homogeneidade e integração do conjunto está mais associada à continuidade das vias do conjunto no entorno, ou conforme Magalhães (2007), à articulação entre tecidos urbanos, do que a existência de vias mais integradas no sistema, o que também contribuiu para o fluxo de pedestres, conferindo um padrão mais urbano de copresença e possibilidade de interação. Ainda, os dados analisados permitiram verificar que outras características de implantação, tais como a dimensão e localização, estão relacionadas com a configuração dos conjuntos e tendem a afetar a interação social entre os moradores. Por exemplo, a dimensão do conjunto habitacional também pode influenciar o grau de interação social dos moradores com o entorno imediato, sendo que quanto menor for o número de unidades do conjunto, maior é o grau de interação social dos moradores com o entorno imediato, pois a interdependência com o entorno é maior. No entanto, é importante observar que o conjunto estudado, além do porte pequeno, caracteriza-se por estar integrado e bem localizado, próximo a um centro comercial da cidade, o que pode influenciar os resultados, ou seja, um conjunto de pe-

queno porte segregado poderia apresentar resultados distintos. Assim, ressalta-se que a dimensão do conjunto habitacional parece afetar a interação social entre os moradores na medida em que ela afeta a configuração e a localização do conjunto e não exatamente pelo número de unidades habitacionais. Também foi possível verificar que a localização do conjunto habitacional pode influenciar o grau de interação social dos moradores com o entorno imediato, uma vez que conjuntos distantes da área urbana consolidada, geralmente de grande porte, tendem a apresentar o «efeito de gueto», que impede o estranho de penetrar naturalmente nas partes internas do lugar, maximizando, assim, o controle local em detrimento do controle do estranho. Dessa forma, moradores de conjuntos distantes da área urbana consolidada percebem com mais intensidade a existência de relação de amizade no local onde moram, confirmando que conjuntos mais distantes e isolados podem limitar o relacionamento entre os próprios moradores dos conjuntos, em função da percepção da amplitude do espaço estar associada a distâncias aceitáveis para percorrer ou realizar atividades que facilitam encontros. Em complemento, este estudo confirmou que as características fisioespaciais dos espaços públicos abertos, mais especificamente o conforto decorrente da existência de vegetação e bancos, podem afetar a interação social entre os moradores do conjunto e entre o conjunto e o entorno. Por exemplo, no conjunto Vila Popular (porte médio, integrado e próximo), os espaços públicos abertos não atendem os quesitos necessários para

desempenhar atividades de convívio social, diminuindo as oportunidades de contato social e informal e influenciando negativamente o nível de interação entre os moradores. No entanto, é importante notar que as áreas verdes dos conjuntos Vila São Pedro e Germano Henck são intensamente utilizadas pelos moradores, apesar de possuir poucos equipamentos e mobiliário urbano. Da mesma forma, o estudo confirmou que as características socioeconômicas dos moradores podem afetar a interação social entre os moradores do conjunto e entre o conjunto e o entorno, uma vez que determinam o estilo de vida, os hábitos de compras no dia a dia e as formas de deslocamento, entre outros.

CONCLUSÕES

Os resultados confirmam que a configuração de conjuntos habitacionais está relacionada com outras características de implantação, tais como a dimensão e a localização, e tende a afetar a interação social entre os moradores do próprio conjunto e a interação do conjunto com o entorno imediato e com a cidade.

Foi verificado que o nível de integração do conjunto na malha urbana, decorrente de sua configuração, independente da dimensão ou da localização do conjunto na cidade, pode contribuir para que os moradores se integrem ao bairro/ cidade e sejam reconhecidos como pertencentes à cidade. Foi constatado que moradores de conjuntos integrados tendem a apresentar maior satisfação em relação ao local onde moram e em relação ao bairro, e interagem socialmente com os moradores do conjunto, com moradores do entorno imediato e com a cidade. Nesse sentido, a configuração parece ser a variável com influência mais direta na interação social entre os moradores, confirmando estudo de Hillier e Hanson (1984) que colocam a acessibilidade como o componente mais eficiente na dinâmica de segregação, pois afirma a distância social através da natural implicação das redes de movimento. Segundo os autores, a partir da estrutura urbana e da dinâmica social das classes, as áreas segregadas seriam utilizadas por populações relativamente homogêneas econômica e socialmente e a morfologia das áreas de habitação mostraria essas pré-determinações, assim como o contraste das justaposições de áreas segregadas.

No entanto, quando comparados com conjuntos maiores, conjuntos de menor porte tendem a apresentar avaliação ainda melhor quanto ao relacionamento com os vizinhos do local onde moram e com os vizinhos do bairro. Ainda, apresentam amizades no local onde moram e amizades fora do bairro, demonstrando a interação não somente com os moradores do conjunto, mas também entre o conjunto e o entorno imediato e a cidade. Cabe ressaltar que estes conjuntos, em função de menor escala, necessitam áreas menores para implantação e podem estar mais facilmente inseridos dentro da malha urbana existente, além de melhor localizados, próximos dos locais de serviços e comércio, o que pode afetar positivamente a satisfação dos moradores com o local onde moram e com o bairro. Também foi constatado que conjuntos distantes da área urbana consolidada, geralmente de grande porte, tendem a apresentar o «efeito de gueto», que impede o estranho de penetrar naturalmente nas partes internas do lugar, maximizando, assim, o controle local em detrimento do controle do estranho. Esses conjuntos indicam a existência de mais amizades no local onde moram, confirmando que conjuntos mais distantes e isolados podem fazer com que as pessoas se relacionem somente entre si. Por outro lado, a pequena dimensão e a boa localização do conjunto habitacional pode não ser suficiente para a integração dos moradores do conjunto com o entorno e com a cidade, pois as características configuracionais da implantação parecem ser mais determinantes.

Concluindo, *é importante ressaltar que embora exista um senso comum de que essas características são mais favoráveis para o desempenho de conjuntos habitacionais quanto aos efeitos da interação social, não existem estudos conclusivos. Nesse sentido, este estudo sustenta a importância das características de implantação dos conjuntos habitacionais para a compreensão do comportamento dos moradores e destaca a importância de avaliar os efeitos das características de implantação de conjuntos habitacionais para que se produzam espaços mais qualificados que promovam e facilitem a interação social entre os moradores, promovendo o sentimento de pertencimento e cidadania.* ■



REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Douglas Viera de:** *Alma espacial: o corpo e o movimento na arquitetura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.
- ALEXANDER, Christopher:** «A City is not a Tree.» In *Architectural Forum*, Vol. 122, Nº 1, abril, pp. 58-62 (parte I); Vol. 122, Nº 2, maio, pp. 58-62 (parte II), 1965.
- BASSO, Jussara Maira:** *Investigação de fatores que afetam o desempenho e apropriação de espaços abertos públicos: o caso de Campo Grande - MS. Porto Alegre, UFRGS*. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul., 2001.
- BONDUKI, Nabil:** *Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria*. 4 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.
- CARR, Stephen; Mark FRANCIS, Leanne RIVLIN, Andrew STONE:** *Public Space*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- CARVALHO, T.C.C.:** «As dimensões da habitação.» Projeto, Nº 77, pp. 95-103., 1985.
- CASTELLO, Iara Regina:** *Bairros, loteamentos e condomínios: elementos para o projeto de novos territórios habitacionais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- DAMÁSIO, Cláudia (org.):** *Urbanizador social: da informalidade à parceria*. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2006.
- FIGUEIREDO, Lucas (org.):** «Desurbanismo: Um manual rápido de destruição de cidades.» In *Anais do I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – ENANPARQ*. Rio de Janeiro, 2010.
- GAMBIM, Paula Silva:** *A influência de atributos espaciais na interação entre grupos heterogêneos em ambientes residenciais*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- GANS, Herbert J.:** «Planning and Social Life: friendship and Neighbor Relations in Suburban Communities.» In *Proshansky, Ittelson & Rivlin. Environmental Psychology: People and their physical settings*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1976.
- HILLIER, Bill e Julienne HANSON:** *The Social Logic of Space*. Bath: Pitman Press, 1984.
- HILLIER, Bill e Vinícius de Moraes NETTO:** «Society seen through the prism of space: outline of a theory of society and space.» In *Urban Design International* 7, pp. 181–203. 2002.
- HOLANDA, Frederico de:** *O espaço de exceção*. Brasília: Ed. Universidade Brasília, 2002.
- JACOBS, Jane:** *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- KIM, Joongsub & Rachel KAPLAN:** «Physical and Psychological factors in sense of community. New urbanism Kentlands and Nearby Orchard Village.» *Environment and Behavior*, V. 36, nº 3, mai, pp. 42-69. 2004.
- LAY, Maria Cristina Dias:** *Responsive Site Design, User Environmental Perception and Behavior*. Tese de Doutorado, School of Architecture, Oxford Brookes University, 1992.
- : «Relações entre legibilidade de layout e apropriação de espaços abertos em conjuntos habitacionais.» In *Anais do VII Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído – ENTAC*. Florianópolis, 1998.
- LAY, Maria Cristina Dias e Antônio Tarcísio REIS:** «Habitação Social: diferenças no papel de espaços abertos comuns segundo tipos habitacionais.» In *Anais do XI Encontro Nacional da ANPUR*. Salvador: UBA, 2005
- : «Análise quantitativa na área de estudos ambiente comportamento.» In *Ambiente Construído*, V. 5, Nº 2, pp. 21-36; Porto Alegre; 2005a.

-
- LIMA, Márcia Azevedo de:** *A influência da dimensão, configuração e localização de conjuntos habitacionais na interação social.* Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- LYNCH, Kevin:** *A imagem da cidade.* São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- MAGALHÃES, Sérgio Ferraz:** *A Cidade na Incerteza: Ruptura e Contigüidade em Urbanismo.* Rio de Janeiro: Viana & Mosley - Ed. PROURB, 2007.
- MARICATO, Ermínia:** *Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana.* 3 ed. Petrópolis, R.J.: Vozes.
- MARQUES, Eduardo C.L.:** *Redes sociais, segregação e pobreza em São Paulo.* Tese (Doutorado em Ciência Política) – Programa de Pós-graduação em Ciência Política, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- NETTO, Vinicius de Moraes:** «O efeito da arquitetura: impactos sociais, econômicos e ambientais de diferentes configurações de quarteirão.» *Arquitextos*, São Paulo, dez. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.079/290>>, 2006.
- NETTO, V. de M.; PASCHOALINO, R.; PINHEIRO, M.:** «Redes sociais na cidade, ou a condição urbana da coexistência.» *VIROS*, nº 4, dez., São Carlos, 2010. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=4&item=5&lang=pt>>. Acesso em: 23/02/11>.
- PEPONIS, John:** «Espaço, Cultura e Desenho Urbano». En *Arquitetura e Urbanismo*, Ano 8, Nº 41, abr-mai, pp. 78-83; 1992.
- RIGATTI, Décio:** *Do espaço projetado ao espaço vivido: modelos de morfologia urbana no Conjunto Rubem Berta.* Tese de Doutorado – Curso de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, São Paulo, 1997.
- VALLADARES, L.P.:** *Passa-se uma Casa.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- VILLAÇA, Flávio:** *Espaço intra-urbano no Brasil.* São Paulo: Studio Nobel–FAPESP–Lincoln Institute, 2001.
- WHYTE, William:** *City: Rediscovering the center.* New York: Doubleday, 1988.